



## A QUESTÃO RACIAL NO BALLET CLÁSSICO DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Lauriane da Silva Teixeira – teixeiralauriane12@gmail.com

Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Uenf, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0002-1749-3249>

Maria Clareth Gonçalves Reis – clareth@uenf.br

Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Uenf, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil;  
<http://orcid.org/0000-0001-5165-0239>

**RESUMO:** O presente artigo trata-se de um recorte de uma dissertação de mestrado inserida no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). É um estudo que trata da presença do corpo negro no ballet clássico. O mesmo tem como objetivo geral verificar a percepção dos/as bailarinos/as negros/as que atuam na área do ballet clássico sobre os efeitos do racismo estrutural nesta arte, tendo como destaque de análise a cidade Campos dos Goytacazes/RJ. A metodologia utilizada é de caráter descritiva e utilizou uma abordagem qualitativa. A técnica de amostragem utilizada foi a não probabilística denominada Bola de Neve (Vinuto, 2014). Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os/as bailarinos/as negros/as residentes na cidade. Os dados foram analisados a partir da técnica de pesquisa Análise de Conteúdo defendida por Bardin (1977). Como principais resultados, percebemos que a maior parte dos bailarinos/as acredita na existência do racismo no ballet clássico da cidade em questão e enxergam este fenômeno, principalmente, através da pouca presença de alunos/as e professores/as de ballet clássico negros na cidade. Como considerações finais, concluímos que os/as bailarinos/as negros da cidade enxergam o racismo no ballet clássico local de variadas formas. Além disso, as autoras destacam a necessidade da produção de mais pesquisas nesta área, visando contribuir cada vez mais com a luta antirracista no ballet clássico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ballet Clássico; Racismo; Campos dos Goytacazes/RJ.

### 1 INTRODUÇÃO

O balé clássico é uma modalidade de dança antiga que ainda mantém seus padrões no meio social contemporâneo (Cezarino; Porto, 2017). Com o passar do tempo sua prática foi se expandindo e atualmente é considerada como uma das modalidades de danças mais conhecidas e executadas pela sociedade (Assumpção, 2006). Porém, qual parte da sociedade é contemplada? Os efeitos do racismo estrutural e institucional presentes na população, afeta a presença do/a negro/a em diversos setores sociais, inclusive o artístico.

Almeida (2019) define racismo como um sistema que perpassa todos os ambientes sociais (econômico, político, familiar, escolar, artístico, trabalhista, entre outros) que culmina em desvantagens para a população negra e além disso é sustentado por uma relação de poder. O mesmo autor classifica este fenômeno em 3 concepções: a individual, que estabelece a ideia de inexistência de uma sociedade racista e toma o racismo como um ato individual, que parte de pessoas que compõem a sociedade. A

institucional, que aponta o racismo como algo presente também nas instituições, as quais acabam conferindo privilégios e desvantagens a partir da perspectiva racial, em uma dimensão política e institucional (Almeida, 2019). E a estrutural, na qual afirma que as instituições são racistas porque são regidas por indivíduos que compõem uma sociedade com o mesmo perfil (Almeida, 2019). Nesse caso, o racismo, acima de tudo, é um caso estrutural, pois, se há instituições que apresentam tratamentos diferenciados a partir de critérios raciais, é porque existe esse fenômeno racial como um componente social normalizado e reproduzido (Almeida, 2019).

Assim, ao analisarmos estas diferentes concepções de racismo que assolam a vida da população negra, em variados locais como o artístico foi notado que, no mundo da dança, diversos questionamentos envolvendo a situação racial nesta arte vêm sendo debatidos, visando problematizar estas questões e encontrar caminhos para a obtenção de um maior espaço para o corpo negro na arte.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo geral verificar a percepção dos/as bailarinos/as negros/as que atuam na área do ballet clássico sobre os efeitos do racismo estrutural nesta arte, tendo como foco de análise a cidade Campos dos Goytacazes/RJ. Além destas informações, é importante ressaltar que este artigo se trata de um recorte de uma dissertação de mestrado apresentada ao curso de Políticas Sociais da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

Como metodologia é necessário destacar que se trata de uma pesquisa descritiva e qualitativa que, segundo Gil (2010), é um tipo de investigação que visa levantar a opinião, as atitudes e as crenças de um grupo populacional. No processo de coleta de dados foi realizada uma busca aos bailarinos/as negros/as da cidade, através da rede social denominada *Instagram* e também por pessoas residentes que conheciam tais pessoas. Como critério de seleção foram selecionados apenas aqueles/as que já haviam se formado na área do ballet clássico, porém permanecem a praticá-la de alguma forma como professores/as, bailarinos/as profissionais, ou que ainda praticam esta dança como uma forma de lazer e/ou cuidado físico. Como técnica de amostragem foi utilizada a não probabilística denominada Bola de neve que, conforme segundo Vinuto (2014), é uma técnica que utiliza como base as cadeias de referências, o que possibilitou alcançar um número de doze bailarinos/as sendo seis homens e seis mulheres identificados/as de forma sigilosa na pesquisa como “bailarino ou bailarina” acompanhado de um número que vai do 1 ao 12 na tentativa de diferenciar cada indivíduo/a. E como análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo baseada em Bardin (1977).

É importante ressaltar que o presente artigo se encontra organizado em dois tópicos, sendo o primeiro intitulado como “A questão racial no ballet clássico”, tendo como aporte teórico os/as seguintes autores/as: Franciane Kanzelumuka Salgado de Paula e Murilo de PAULA (2015), Marcela Renata Costa Silvério (2020), Cassia Pires (2015), bell hooks (1995), Paulo Melgaço da Silva Júnior e Matheus Melgaço

(2019), Paulo Melgaço da Silva Júnior (2007), Mariana Mauro (2015), Ingrid Silva (2021) e Klauss Vianna (2018).

Já o segundo tópico é denominado como “A questão racial no ballet clássico: Uma perspectiva dos/as bailarinos/as negros/as da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ”, tendo como aporte teórico os/as seguintes pensadores/as: Maia, Zamora e Baptista (2019), Ribeiro (2012), Anunciação (2021), Almeida (2019) e Munanga (2004), visando debater esta temática e os resultados obtidos que serão mostrados no tópico abaixo.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

A partir de agora serão iniciadas as discussões relacionadas a questão racial no ballet clássico, além de destacar a visão dos/as bailarinos/as negros/as residentes da cidade em questão sobre esta temática a partir de uma perspectiva local respectivamente, visando alcançar o objetivo proposto.

### 2.1 A QUESTÃO RACIAL NO BALLET CLÁSSICO

Ao pensar em bailarinas/os clássicas/os em níveis profissionais, qual imagem é formada em sua cabeça? Geralmente esse “retrato mental” segue acompanhado de uma aparência física totalmente branca. Pouco se imagina uma cor preta na pele desses personagens. Esse fator se deve ao racismo estrutural, que se manifesta também nas instituições do ballet clássico em geral, acarretando que bailarinos/as negros/as contem com pouco espaço para se manifestar artisticamente. Esse caso é observado por Paula e Paula (2015), que, ao reunirem mulheres negras da dança em um evento, obtiveram a seguinte informação:

[...] Porque a gente sabe que dentro da dança ainda existe os estereótipos, a mulher negra ainda é vista como a figura exótica. Ou é a questão do exótico ou a questão da sensualidade, da mulher negra como coisa. E isso ainda existe nesse circuito da dança, estes estereótipos em que a mulher negra, a bailarina negra, tem pouco espaço. E quando às vezes não é o lugar do exótico, tem o lugar de tentar o embranquecer. O caminho de embranquecer essas figuras, esses corpos femininos negros durante esse processo. Então a gente percebe que é uma questão ainda a ser discutida (Paula; Paula, 2015, p. 9).

Esta percepção supracitada demonstra como o racismo é perverso e capaz de se manifestar dentro do ballet clássico de variadas formas como: a situação do pouco espaço de atuação para estas pessoas, e até mesmo no fato de enxergar a mulher negra como figuras exóticas e sensuais, conforme comentado pelas autoras. Além disso, o mesmo também é responsável pela invisibilização da história de pessoas negras em diversos ambientes sociais, como o artístico. Ele marca os corpos que irão frequentar

determinados lugares ou não e está presente em todas as esferas sociais (Silvério, 2020). Um exemplo de que o racismo perpassa a dimensão das artes é retratado por Silvério (2020) da seguinte forma:

Dentre 51 desenhos realizados pelas minhas alunas na atividade: “como você imagina uma bailarina?”, citada anteriormente, somente 4 retrataram bailarinas de pele negra... Elas, as bailarinas negras, são inúmeras, extremamente capazes, mas o racismo ainda dificulta o acesso delas aos espaços da cena profissional. E isso se torna visível na presença de poucas bailarinas negras em grupos profissionais (Silvério, 2020, p. 20).

Este relato proferido acima demonstra a dimensão do problema que é a ação do racismo nesta arte, na qual afeta até mesmo o imaginário de crianças que não conseguem idealizar uma bailarina com a cor da pele preta. Além disso, quando se fala em poucos espaços para pessoas negras devido ao racismo, Pires (2015) aponta que ao realizar uma pesquisa sobre cinco companhias de dança do continente não encontrou nenhuma primeira bailarina negra, e não importa se a/o mesma/o chegue ao topo da carreira, sempre terá alguém olhando para ela/ele dizendo, mesmo que indiretamente, que ali não é o seu lugar.

Variados relatos de bailarinas/os negras/os vêm surgindo nos dias atuais denunciando casos de racismos, um exemplo é a situação da Precious Adams que denunciou casos de racismo sofridos por ela na principal academia russa de ballet clássico do mundo. A bailarina relata que em alguns episódios na qual sua professora a pede que esfregar seu próprio rosto para diminuir sua tonalidade negra, ou que fizesse um tratamento para clarear a pele. Além disso, a mesma aponta que foi excluída várias vezes das apresentações da escola devido à sua cor da pele e que somente se apresentou no palco quatro vezes nos últimos três anos, o que para uma bailarina que se prepara para viver profissionalmente desta arte é muito pouco (O ballet..., 2014).

Assim, o racismo, em sua concepção estrutural se instaura, especificamente, no mundo das artes eruditas, como as danças clássicas. Dessa forma, uma pessoa diz que não é racista, mas não consegue aceitar a atuação de uma bailarina negra interpretando um/a personagem clássico/a. Externa concepções a respeito da igualdade racial, mas prefere um/uma bailarino/a branco/a ao/à negro/a durante uma audição em uma companhia, mesmo os/as dois/duas apresentando habilidades físicas e artísticas iguais; atua como professor/a, diz que age de forma igualitária com todos/as os/as alunos/as, independentemente da cor, mas nunca coloca um/uma estudante negro/a para fazer papéis principais, como princesas e fadas, simplesmente porque eles/elas são negros/as (Pires, 2015).

É lamentável notar que a reação de muitos, ao ver bailarinos/as negros/as, seja de estranhamento, e não como algo comum na sociedade. O racismo afeta a representatividade negra em diversos setores. Nessa perspectiva, a autora Marcela Silvério (2020) aponta a sua experiência como professora negra de ballet clássico da seguinte forma:

Comecei a dar aula de Balé Clássico em 2017 e a minha presença como professora de Balé ainda era vista como uma quebra de paradigmas e, a princípio, com certo estranhamento. Não imaginavam que eu fosse a professora de balé ou duvidavam do meu conhecimento. Isso demonstrava, mais uma vez, a ausência das bailarinas negras, pois quando a sociedade se depara com elas, há quase sempre duas reações: surpresa ou desconsideração (Silvério, 2020 p. 27).

Este relato proferido pela autora pode demonstrar a realidade de muitas outras professoras negras de ballet clássico, e isso exemplifica ainda mais a realidade artística marcada pelo racismo, que afeta a presença de homens negros e mulheres negras em elevados locais de atuação profissional. Quando se trata de mulheres negras, entretanto, a situação torna-se um pouco mais difícil. A autora bell hooks (1995) afirma que elas, além do racismo, sofrem o sexismo, transformando a sua realidade de oportunidades em uma questão muito mais complicada ao comparar-se com o homem negro, mulher branca e homem branco.

Realocando essa colocação de hooks (1995) no contexto do ballet clássico, a presença do homem negro no topo da hierarquia ainda é mais fácil de ser encontrada em relação à mulher. Como exemplificação nessa forma de arte, há o Bruno Rocha, primeiro bailarino a interpretar um papel principal no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Atualmente ele se encontra no exterior. Não chegou a ser promovido como primeiro bailarino, mas é considerado como o homem negro que traçou um percurso mais longo nessa arte. Em toda a história do corpo de baile do Theatro, nenhuma mulher negra bailarina conseguiu ocupar o cargo de protagonista em espetáculos montados (Silva Junior; Melgaço, 2019).

A primeira mulher negra que conseguiu, ao menos, entrar e participar do corpo de baile dessa instituição artística foi a Mercedes Baptista, que fez história com este marco, no entanto ela não teve amplas oportunidades de acesso às posições de destaque no corpo de baile (Silva Junior; Melgaço, 2019). Visto isso, Silva Junior (2007, p. 21) apresenta a seguinte indagação da bailarina:

Tudo foi sempre muito difícil, mas quem iria assumir ou deixar claro que parte das minhas dificuldades era pelo fato de que eu não era branca? Nunca iriam me dizer isso, nem dizer que o problema era racial, mas eu sabia que era e, por isso, sempre lutei cada vez procurando me aperfeiçoar.

No Brasil, em destaque, no Rio de Janeiro, a oferta de oportunidades a bailarinos/as negros/as é disponibilizada em um quantitativo extremamente baixo (Silva Junior; Melgaço, 2019). Além disso, o ballet clássico atualmente ainda se baseia em um modelo europeu, procurando bailarinos/as de biotipo correspondente a pessoas desse continente (Mauro, 2015).

A autora Ingrid Silva (2021) relata que o Brasil é um país reconhecido mundialmente como o país da diversidade e nunca será visto como europeu. Além disso, ela ressalva que o racismo institucional

precisa ser debatido, pois atualmente ainda se encontram companhias de dança não contratando bailarinos/as negros/as, e, quando os/as contratam, estes/estas são direcionados/as para o fundo do palco, performam papéis separados e, ainda, em alguns casos, são obrigados/as a se pintarem da cor branca para atuar. Além disso, muitos diretores de companhias utilizam como desculpa a ideia de que não contratam bailarinos/as negros/as porque estes/estas não aparecem nas audições ou simplesmente não existem e, por isso, são difíceis de encontrar (Silva, 2021). Nesse caso, se os/as candidatos/as não frequentam as seleções, onde estão? É importante ressaltar que muitos/as bailarinos/as negros/as, com grandes talentos, estão em projetos sociais e só precisam de oportunidades para terem visibilidade e ascenderem na dança, inclusive profissionalmente. Isto porque quanto mais os/as bailarinos/as negros/as crescem e ocupam seus lugares no palco, maior a contribuição para a questão da representatividade negra no ballet clássico.

O racismo institucional, e os seus efeitos que atrasa a vida das pessoas negras, ofusca seus sonhos e, muitas vezes, não permite que seus talentos sejam enxergados por aqueles/as que se encontram em locais de poder. Afinal, quantas bailarinas como Ingrid Silva estão espalhadas em comunidades e não tiveram a mesma oportunidade?

Silva Junior e Melgaço (2019) trazem um relato de uma aluna formanda na Escola Estadual Maria Olenewa a respeito de suas aflições em relação à dança e aos impactos do racismo nesta. A estudante aponta suas angústias da seguinte forma:

[...] É notável como a importação dessa arte europeia branca trouxe consigo um preconceito racial, eurocêntrico e elitista. Como uma bailarina ainda em formação, todo esse preconceito implícito já é bem evidente. Apesar de que algumas vezes as pessoas negras com tons de pele mais clara, como eu, sofram de forma mais branda; é inegável que o preconceito atinge a todos os bailarinos negros, em seus mais diversos tons de pele, que são submetidos à tentativas de embranquecimento irritantemente constantes. Como se já não bastasse passar grande tempo a tentar esticar os cachos do cabelo tentando fazê-los caber em um penteado institucionalizado por mulheres brancas de cabelo liso, ou afinar os traços do rosto (principalmente o nariz) com maquiagem. Ainda temos que cobrir as pernas com meia calça clara enquanto o restante da pele exposta deve ser clareada com pan-cake <sup>1</sup>para interpretar uma Sylphide<sup>2</sup>, um Cisne Branco, ou outro personagem dos grandes ballets. E eu não consigo encontrar uma explicação que não seja racista do porquê de um ser etéreo não poder ter a pele escura ou o porquê do tutu já não ser um demonstrativo suficiente de que o cisne é branco, afinal, eu nunca vi alguém tentar escurecer a pele para interpretar Odile<sup>3</sup> [...] (Silva Junior; Melgaço, 2019, p. 157).

---

<sup>1</sup> Maquiagem, pó compacto de cor branca.

<sup>2</sup> Personagem do *ballet* clássico *La Sylphide*. Trata-se de um ser mitológico, uma fada com uma grande beleza.

<sup>3</sup> Personagem do *ballet* clássico de repertório *O Lago dos Cisnes*, a qual se transforma em um cisne negro.

Esse apontamento feito pela bailarina, abordando questões como o embranquecimento<sup>4</sup>, demonstra que essa problemática se espalha na sociedade, criando diversas possibilidades para apagar os traços do/a negro/a. Na arte, essa ideologia também se faz presente, como é observado por meio desse relato de uso das meias-calças e das sapatilhas rosas. Silva (2021) traz, em seu texto, um exemplo de uma bailarina negra que, ao tentar utilizar uma sapatilha da sua cor, em um festival de dança no Brasil, acabou sendo desclassificada pelo simples fato de seu instrumento de performance não ser da cor rosa. Essa autora diz que esses casos indicam que o país se encontra atrasado quando o assunto é ballet clássico.

O que se pode verificar na trajetória de bailarinos/as negros/as que conseguiram, de alguma forma, alcançar esse lugar artístico é a necessidade de ser sempre o/a melhor, para se destacar entre os/as brancos/as. Silva Junior e Melgaço (2019) apontam que, se o corpo negro não for o mais habilidoso artística e fisicamente, ele dificilmente conseguirá conquistar o respeito e uma posição destacada. Eles citam, como exemplo, a realidade do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que, mesmo com políticas públicas direcionadas à contratação de pessoas negras (conforme estabelece a Lei n.º 12.990 de 9 de junho de 2014, **cujo art.1º reserva 20% das vagas de concursos públicos para negros/as**), ainda não selecionaram bailarinos/as que se encaixam nessa denominação racial.

Hooks (1995), a respeito desse assunto, afirma que, historicamente, o/a negro/a sempre teve de provar sua humanidade, sua intelectualidade e suas habilidades. Dessa forma, no ballet não é diferente e nem em demais áreas de atuação trabalhista consideradas mais elitizadas. Esses apontamentos vão ao encontro do princípio de ser duas vezes melhor, pois, para aqueles/as que são negros/as, devido à presença dos racismos estrutural e institucional, essa premissa ainda é uma realidade.

Para finalizar, Vianna (2018) reflete a ideia de que não há um corpo único para a dança, porém, na realidade, existe um que é menos lembrado e não visto em palcos ou em profissões como professor/a de ballet clássico. Há corpos vistos como muito habilidosos para a dança popular, street dance e jazz, por exemplo, mas nunca para o ballet clássico. Há um privilégio do corpo com características europeias para essa dança, e isso é um resquício da colonização e parte da identidade da branquitude, pois o corpo branco ainda é visualizado como uma característica estética de um/uma bailarino/a (Silvério, 2020). Para mais, no próximo tópico serão apresentados os resultados da pesquisa. Destacaremos a opinião dos bailarinos e bailarinas negros/as da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ sobre esta realidade tratada neste artigo.

---

<sup>4</sup> A esse respeito, Carneiro (2011) afirma que existe no país uma ideologia do branqueamento, na qual, quanto mais próximo das características fenotípicas do/a branco/a o indivíduo chegar, mais socialmente aceito/a ele/ela será. Além disso, Nogueira (2006) afirma que há uma expectativa de que o/a negro/a e o/a indígena desapareçam a partir de seu cruzamento com o/a branco/a.

## 2.2 A QUESTÃO RACIAL NO BALLET CLÁSSICO: UMA PERSPECTIVA DOS BAILARINOS/AS NEGROS/AS DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ

Dando início a apresentação dos resultados é importante destacar que, buscando alcançar o que foi proposto no objetivo deste artigo, duas importantes perguntas foram mencionadas para os/as entrevistados/as.

O primeiro questionamento realizou visou entender se os entrevistados/as acreditavam na existência do racismo no *ballet* clássico da cidade, e de que forma conseguem enxergar esse fenômeno em seu meio local, caso tenham confirmado. Se negassem, a justificativa para tal posicionamento também era solicitada. Dessa forma, os resultados serão mostrados na Tabela 1 e no Gráfico 1.

**Tabela 1** – Presença do racismo no ballet clássico da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ

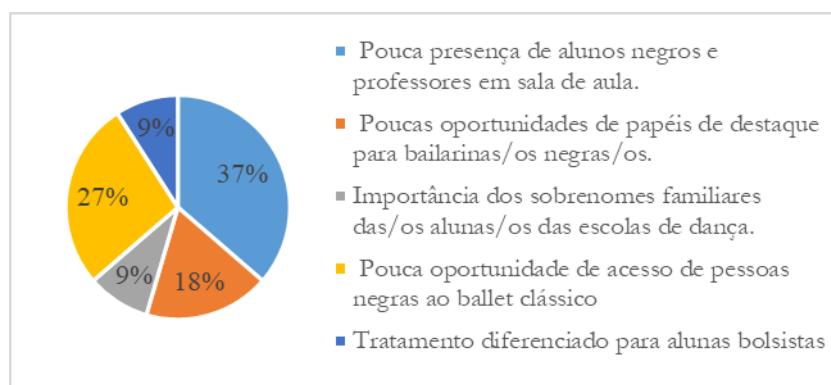
RESPOSTAS	VOTOS
SIM	9
NÃO	3

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Dentre as respostas sobre a existência do racismo no *ballet* clássico da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, foi destacada, em primeiro lugar, a resposta “sim”, alcançando nove votos. Já em segundo lugar ficou a resposta “não”, com três votos.

Além desse questionamento, foi também perguntado aos entrevistados/as o que os faziam enxergar este fenômeno no *ballet* clássico da cidade em questão, o que é mostrado no Gráfico 1:

**Gráfico 1** – Formas que os/as bailarinos/as negros/as enxergam o racismo no ballet clássico de Campos dos Goytacazes/RJ



Fonte: Acervo da pesquisa (2022)

Ao analisar os resultados obtidos, é possível notar que em primeiro lugar os/as bailarinos/as na cidade enxergam o racismo local através da pouca presença de alunos/as e professores/as negros/as em sala de aula. Em segundo lugar, é destacada a pouca oportunidade de acesso de pessoas negras no *ballet* clássico, com 27%. Em terceiro lugar, são evidenciadas as poucas oportunidades de papéis de destaque



para bailarinas/os negras/os com 18%. Já em último lugar, é mencionada a importância dada aos sobrenomes familiares dos/as alunos/as das escolas de dança da cidade com 9%.

Dando início às discussões dos resultados apresentados nesta pesquisa, foi observado que ao abordar os/as bailarinos/as sobre a existência do racismo na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, a palavra “sim”, fortemente mencionada em maior escala, conforme mostrada na Tabela 1, não aparecia isolada. A cidade era extremamente adjetivada com palavras como “escravocrata”, “conservadora” ou “segregada”.

Os/as bailarinos/as afirmavam Campos dos Goytacazes/RJ como um Município extremamente racista, que exclui a todo tempo pessoas negras. Um depoimento que aborda essa situação é apontado pela Bailarina 1:

Campos é uma cidade que já é escravocrata. Já tem esse ranço impregnado nas pessoas, uma cidade pequena com este histórico. Porém, acho que estamos conseguindo invadir um pouco, mas antes e até hoje se eles puderem não nos evidenciar ou nos destacar eles fazem (Acervo da Pesquisa, 2022).

O Bailarino 4 também aponta sua opinião da seguinte forma: “Campos foi a última cidade a abolir a escravidão, é extremamente racista e tem muito aquela questão estrutural de falas e posturas das pessoas.” (Acervo da Pesquisa, 2022).

Essa realidade acerca do período de escravidão da cidade é apontada por Maia, Zamora e Baptista (2019), elas relatam, em seu estudo, a extrema dificuldade que existiu no município para a escravidão ser abolida. Elas diziam que os donos de escravos entendiam o processo de abolição como um insulto, porém, quando notaram que seria impossível continuar, esses passaram a libertar seus escravos, mas continuavam a mantê-los em condições de trabalho iguais às da escravidão.

Era notória a insatisfação dos/as bailarinos/as entrevistados/as com a realidade racial da cidade. De acordo com suas falas, eles conseguiam identificar o racismo local através do próprio modo de agir dos seus/as residentes. Para mais, pode-se também perceber o incômodo com o passado histórico do município, mencionado por eles/as e pelas autoras. Se permanecem expondo o histórico da cidade como algo impregnado nela é porque, de alguma forma, ainda conseguem perceber vestígios dessa realidade histórica no município.

Para mais, algo que comprova essa veracidade escravocrata apontada pelos/as bailarinos/as é um resultado encontrado na pesquisa de Ribeiro (2012), e essas informações são apresentadas logo a seguir:

A partir dos dados fornecidos pelo escritor Teixeira de Mello, pudemos observar que todo o município de Campos contava em finais de 1880 com uma população de 91.880 indivíduos, sendo que destes 35.668 escravos e 56.212 livres, aí computados 10.266

ingênuos. Assim, a população escrava representava 38,82% da população. Ao considerarmos apenas o conjunto da população da Vila de São Salvador, do total de 19.400 habitantes, 40,77% compunham-se de escravos, isto é, 7.910 indivíduos. Lana Lage da Gama Lima afirma que era este o maior número de escravos da província do Rio de Janeiro, que possuía nesse período 289.239 escravos, concentrando Campos 12,33% desse total (Ribeiro, 2012, p.112).

Esses dados apresentados demonstram o passado histórico racial de Campos dos Goytacazes/RJ e, conforme a mesma autora, direciona a cidade para o topo do cenário escravocrata da região, indo em concordância com os apontamentos dos bailarinos/as citados que caracterizam o município como escravocrata.

Além disso, Maia, Zamora e Baptista (2019) afirmam que, apesar de a população negra ser a maior parte populacional da cidade, ela ainda luta para pertencer a essa localidade. As consequências do passado escravocrata ainda se fazem presentes no município, podendo ser notadas de variadas formas, inclusive no *ballet* clássico, que é o foco principal da pesquisa.

Dessa forma, torna-se relevante destacar a necessidade de se conhecer, nem que seja minimamente, a história do local onde se vive principalmente quando se trata do período de escravidão, porque é necessário entender como se deu esse processo em seu espaço geográfico de vivência para entender, nos dias atuais, como o racismo atua de fato. A percepção de muitos/as bailarinos/as relacionada ao passado da cidade significa um entendimento, nem que seja mínimo, sobre a história local, o que pode ter facilitado no processo de argumentação para a existência do racismo no *ballet* clássico de Campos dos Goytacazes/RJ.

Além de tal observação, ao se analisar o Gráfico 1, é possível perceber que, entre as justificativas utilizadas para a existência do racismo no *ballet* clássico do município, foi destacada, nas falas dos/as entrevistados/as, a pouca presença de meninas/os negras/os nos palcos, com algum papel de destaque. Houve depoimentos de bailarinas/os que assistiram uma vez, no teatro local, uma solista negra e ficaram encantadas. Esse relato é mostrado através da fala da Bailarina 3, da seguinte forma:

Demorou muito tempo, na minha jornada de dança aqui em Campos, para eu ver uma menina negra como destaque. Sempre tem, mas não é a maioria, são aquelas que furaram a bolha para estar ali como eu estive, principalmente em escolas privadas. Mas para essa menina negra estar em um papel de destaque é difícil, quando você fecha os olhos você consegue pensar em vários nomes de bailarinas negras? Eu não consigo. Por que? Negras talentosas na nossa cidade nós temos. Eu vi uma bailarina negra fazer papel de Gisele em uma academia de dança, foi minha primeira vez vendo uma amiga de turma negra protagonizando um papel clássico e eu já era adolescente, fico até arrepiada de falar. Porém ainda contamos nos dedos a quantidade de meninas pretas que protagonizam papel aqui na cidade, e não é por falta de talento. Não a meu ver (Acervo da Pesquisa, 2022).

A situação da pouca presença de bailarinos/as negros/as em papéis de destaque é uma realidade que paira não só em grandes companhias mundiais, mas também ocorre na realidade local de Campos dos Goytacazes, conforme mostrado nos resultados apresentados. Foi citado fortemente o pouco destaque dado a meninas negras na cidade, dentre elas foi utilizada a figura de Mercedes Baptista<sup>5</sup> como exemplo para a situação de desvalorização existente no município.

Alguns mencionaram que só foram conhecer a história de vida dessa grande artista muito tempo depois, o que não deveria acontecer. A Bailarina 3 realiza um comentário sobre essa situação:

Trazendo para Campos, quando que você ouviu falar de Mercedes Baptista? Foi a sua professora de *ballet* de apresentou? Então é isso, uma referência daquele tamanho para várias crianças pretas que há muito tempo atrás poderiam já conhecer, mas se quer ouvimos falar dela. Ela trilhou um passo gigantesco na dança, mas para nós, não para aqueles que não são da nossa pele. Então preferem homenagear outros campistas (Acervo da Pesquisa, 2022).

Esse depoimento apresentado demonstra a pouca intensidade de divulgação da grandiosa artista Mercedes Baptista em sua cidade de origem. Isso entra em concordância com o que Anuniação (2021) diz, e esse explica que, até os dias atuais, quando uma pessoa negra tenta entrar em ambientes como o *ballet* clássico é notório que ela passará ou ficará na invisibilidade.

Um exemplo dessa situação é a própria figura da Mercedes Baptista na sua cidade de origem, conforme mostrado na citação. Será que, se essa artista fosse branca, sua história de vida seria pouco divulgada na cidade? É um questionamento também realizado por Anuniação (2021) em sua pesquisa.

Para mais, ao analisar tal depoimento, é possível salientar a necessidade de valorização de artistas negros/as locais. Mercedes Baptista, com toda sua trajetória de vida, era para ser apresentada a todas as pessoas principalmente às/aos bailarinas/os negras/os, porque a sua imagem é, conforme Anuniação (2021), uma grande representação e inspiração no mundo da dança. Além disso, o mesmo autor relata a necessidade de não se esquecer do grande legado alcançado por bailarinas/os negras/os, pois muitas/os delas/es ainda se encontram em locais de pouco reconhecimento, porém, a partir do momento em que são mencionadas/os, as suas histórias de vida continuam vivas no meio social.

Por isso a necessidade de sempre propagar a imagem de Mercedes Baptista na cidade, pois é uma forma de contribuir para que sua história de vida ainda permaneça viva nos corações e nas mentes das pessoas, principalmente meninas negras e meninos negros.

É importante que instituições de dança, sejam elas privadas ou públicas, atuem nesse processo de propagação da imagem dessa grande artista, juntamente com a prefeitura da cidade, pois histórias negras

---

<sup>5</sup> Mercedes Baptista: Primeira mulher negra a conseguir entrar no Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, nascida na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ (SILVA JÚNIOR, 2007).

não podem ser invisibilizadas, principalmente quando se trata de pessoas locais que, assim como Mercedes Baptista, alcançaram um grande feito na sociedade.

Além disso, variados bailarinos/as clássicos negros/as, que também podem ser referência para inúmeras pessoas negras, que estão iniciando ou sonham em começar o *ballet* clássico, devem existir na cidade. Eles/as podem estar esperando apenas uma oportunidade para ter sua história contada e divulgada, então por que não dar esse espaço? É importante abrir caminhos e não os fechar.

Adicionado a esse resultado, é possível analisar, ao visualizar o Gráfico 1, que também foi evidenciado o ato de perceber o racismo no *ballet* clássico local, através da importância dada aos sobrenomes familiares nas escolas e do tratamento diferenciado para alunos/as bolsistas.

De acordo com os/as entrevistados/as, se você for de uma família com sobrenome conhecido, ou seja, que demonstra uma origem de poder e de dinheiro na cidade, você automaticamente é destacado/a. Dessa forma, a origem familiar fala mais alto que o talento do/a aluno/a. É o que o Bailarino 3 menciona em uma de suas falas apresentadas:

Em Campos tem a questão de famílias, as pessoas querem saber seu sobrenome, quem é a sua família. Você tendo dinheiro para pagar por um determinado papel você consegue, não acho que seja por talento as escolhas (Acervo da Pesquisa, 2022).

Nesse caso, conforme apontado na citação, se você é uma pessoa negra com sobrenome que não indica uma ascendência familiar de altas condições financeiras, automaticamente é direcionado para um local de desvantagem em relação aos/as outros/as que apresentam essa característica familiar. Se for bolsista, a situação fica ainda mais séria, pois o tratamento pode ser ainda mais diferenciado.

É o caso apontado pela Bailarina 9, que relata, na sua percepção e experiência, que alunos/as bolsistas recebem um tratamento negativamente diferenciado dos demais pagantes. Apesar de as escolas promoverem bolsas de estudos para aqueles/as que não podem pagar, esses/as, quando entram, acabam sendo dominados pela escola de uma forma que passam a viver em função dela. Essa afirmação é mostrada logo a seguir:

Eu também já vivenciei coisas muito legais, como ver meninas de projeto social muito boas recebendo bolsas estudos das escolas de dança. Porém, somente será uma coisa legal se tratar a aluna bolsista da mesma forma que a pagante, não tratar a bolsista como uma pessoa que trabalha na academia. A sensação que eu tenho em Campos é que se você é uma adolescente bolsista preta em uma escola da cidade você não tem o direito de viver sua adolescência, porque já tem seus compromissos e nunca pode se quer pensar em faltar. Se você é uma menina branca e faz *ballet* em Campos, tudo bem se está com cólica, se a escola está difícil, se está em semana de prova ou simplesmente não deu pra ir. Eu vejo uma aceitação maior na falta da branca que paga do que da bolsista preta que acaba ficando refém da academia. Tem, por exemplo, a situação da menina bolsista que mora longe e a academia simplesmente coloca um ensaio até 22h e

ela é obrigada a ficar, aí vem a aluna branca pagante que vai viajar no outro dia e precisa sair cedo e simplesmente é liberada sem nenhum problema, em Campos é bem assim (Acervo da Pesquisa, 2022).

Desse modo, é possível identificar, através desse relato, que a diferença no tratamento entre pessoas pretas e brancas, no *ballet* clássico da cidade, pode acontecer de maneiras diferenciadas, tendo, como exemplo, as relações de sobrenomes familiares que representam algum tipo de poder na cidade, como também os privilégios que alunas/os brancas/os pagantes podem ter em relação a alunas/os bolsistas que podem ser negras/os. Essas informações demonstram que, se a/o aluna/o for bolsista e negra/o, ela/ele pode sofrer duplamente, primeiro, com o racismo, e segundo, por ter bolsa de estudos, passando a depender da escola.

Anúnciação (2021) afirma, em sua pesquisa, que o racismo desenvolve uma linha que visa à separação e ao controle de indivíduos que não fazem parte de um eixo dominador, ou seja, de pessoas brancas e com alto poder aquisitivo. Além disso, ele afirma que o caminho para uma bailarina negra é mais difícil do que para uma/a bailarina/o branca/o, isso porque diversas barreiras são impostas em seus caminhos.

Direcionando esse apontamento do autor para a realidade mostrada, através da fala dos/as bailarinos/as entrevistados/as, é possível analisar que os sobrenomes familiares e os tratamentos diferenciados para alunas/os bolsistas, em escolas de dança, podem ser também uma linha criada pelo racismo, visando separar, controlar ou, até mesmo, excluir tais alunas/os negras de tais espaços.

Para mais, esses elementos citados pelos entrevistados/as se podem tornar uma barreira que impede o caminho desses/as estudantes logo no início da sua carreira, que é através das escolas de dança. Como uma aluna negra bolsista que mora longe poderá ficar em um ensaio de espetáculo que dura até as 22h da noite, se seu último ônibus é às 20h? São dificuldades impostas desde o início, que podem impedir variadas trajetórias negras nessa modalidade de dança.

Dessa forma, é uma realidade presente que precisa ser modificada e questionada cada dia mais por aqueles/as que se encontram dentro e fora desses locais, para que realidades como essas mencionadas sejam cada vez menos frequentes, em escolas de dança.

Além das variadas justificativas apresentadas pelos/as bailarinos/as entrevistados/as, relacionadas às formas de perceber o racismo no *ballet* clássico do município, é importante destacar também aqueles/as que alegaram não ver tal fenômeno em sua área de atuação, apresentando argumentos para tal visão.

Ao analisar tais respostas, foi possível notar que algumas eram baseadas em suas vivências como por exemplo: “[...] nunca sofri, então acredito que não tenha”, “[...] não enxergo no local onde trabalho”

ou “[...] tenho alunas negras em sala de aula”. Será que por ter alunos/as negros/as em sala de aula ou nunca ter sofrido ou notado o racismo anula a sua existência em um determinado local?

Almeida (2019) aponta diferentes formas de atuação do racismo. De acordo com ele, da mesma forma que o racismo pode ser individual, partindo da ação de um indivíduo branco para um negro/a, causando-lhe feridas, mortes ou outras situações, ele também pode agir de uma maneira institucional, o que, segundo Almeida (2019), atua de um modo menos evidente e que pode ser identificado de uma forma menor, na sociedade.

Dessa maneira, é importante fazer essa reflexão ao apontar sobre a presença do racismo ou não em um determinado ambiente. É preciso ir além da realidade em que se vive e tentar perceber, nas entrelinhas, com criticidade, dentro e fora da sua realidade pessoal, pois, conforme mostrado pelo autor citado, o racismo pode agir de diferentes formas e realidades, como, por exemplo, no *ballet* clássico, sendo importante descobri-las e combatê-las.

Outro detalhe mencionado é o fato de presentir tal situação na cidade como um problema somente econômico e não racial. Ou seja, que algumas pessoas negras não conseguem acessar o *ballet* clássico porque não possuem condições financeiras para pagar. Dessa forma, isso não teria relação com o racismo em si, mas apenas um problema direcionado a quem pode ou não pagar.

Assim, é possível questionar-se o seguinte: até que ponto a presença ou não de pessoas negras no *ballet* clássico refere-se apenas à situação financeira, excluindo a questão racial? O racismo não influencia na parte financeira da população negra?

Almeida (2019) afirma que variadas pesquisas demonstram a raça como um importante marcador da desigualdade econômica. Além disso, elementos como direitos sociais e políticas universais de combate à pobreza e distribuição de renda que não consideram a raça como um relevante fator se tornam ações com pouca efetividade.

Dessa forma, por meio da afirmação desse autor, é possível dizer que é importante racializar diversos assuntos, inclusive a situação econômica. É preciso refletir que existe uma arte na qual, em sua maioria, pessoas brancas são capazes de pagar para obter uma maior qualidade de ensino, e pessoas negras precisam procurar seu oferecimento de maneira gratuita, porque não possuem condições financeiras ou demais motivos para praticar. Se essa realidade que divide pessoas negras e brancas em diferentes situações econômicas está presente na sociedade, significa que, na perspectiva das autoras, algo precisa ser reparado e cada vez mais estudado.

É uma situação na qual o autor Munanga (2004) reforça apontando a necessidade de tratar determinados problemas sociais com especificidade. Segundo ele, a questão racial é um problema social e precisa ser tratada de maneira específica, ou seja, inserindo-a em diversas realidades, como no *ballet*

clássico, na economia, na saúde, entre outras. Só assim será possível conhecer, com profundidade, a dimensão dessa problemática, que é a questão racial na sociedade.

Dessa forma, para finalizar, dizer que não existe racismo no *ballet* clássico da cidade de Campos dos Goytacazes, porque é um problema mais econômico do que racial, demonstra uma separação dessas duas situações, o que não deveria ocorrer. Conforme os autores citados apontam, é preciso trazer a realidade racial vivenciada pelas pessoas negras para todos os ambientes sociais, inclusive no acesso ao *ballet* clássico.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao verificarmos a percepção dos/as bailarinos/as negros/as que atuam na área do ballet clássico, no município de Campos dos Goytacazes/RJ, sobre os efeitos do racismo estrutural nesta arte, através de uma perspectiva local, foi possível perceber que o mesmo pode ser pensado por meio de variadas realidades conforme mostrada no gráfico 1.

Além disso, ao conhecermos um pouco mais sobre a realidade racial existente nesta cidade, através da perspectiva dos próprios residentes, foi notada uma certa divisão no pensamento em relação a esta temática, na qual muitos a enxergam como um local extremamente racista, e outros não conseguem visualizar esta realidade no município alegando não existir este fenômeno no ballet clássico da cidade. E este resultado fracionado demonstra a necessidade de debater este tema cada vez mais e em vários ambientes, pois é importante compreender como esta ideologia atua naquela realidade local e ao mesmo tempo conversa e se diferencia em outros cenários externos. Porém, é necessário que não fique somente nos debates, mas se transformem em ações antirracistas.

Um caminho interessante para seguir é a ideia de apontar referências negras dentro da dança e suas trajetórias de resistência dentro dela, principalmente quando se fala em Mercedes Baptista já que sua história de vida é pouco divulgada na cidade conforme mencionado pelos/as entrevistados/as, o que não deveria ocorrer. É uma forma de trazer visibilidade para histórias de vida que são diariamente invisibilizadas. Além disso, o incentivo da denúncia por parte dos/as bailarinos/as que sofrem com o racismo nestas instituições também é importante, a fim de mostrar que tais ações não serão mais guardadas e sim expostas.

Torna-se também de extrema importância a democratização desta dança através de projetos sociais, a fim de dar mais oportunidades a pessoas negras de conhecerem tal arte, visando obter uma maior presença do corpo negro no ballet clássico. Principalmente quando se trata da realidade da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, na qual a maioria dos/as entrevistados/as alegaram enxergar o racismo nesta arte através da pouca presença de pessoas negras nesta dança seja como aluno/a ou professor/a; e

também através das poucas oportunidades de acesso a esta arte ofertada. E este cenário demanda uma maior ação do setor público do Município, visando modificar esta realidade.

Para concluir, é importante destacar também a necessidade da realização de cada vez mais pesquisas a respeito da temática aqui abordada, visando contribuir para o fortalecimento da luta antirracista no âmbito da arte através, também, de pesquisas acadêmicas.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Também se encontrou apoiado pelo Núcleo de Estudos Afro brasileiros e Indígenas da UENF (NEABI), o qual pôde contribuir com inúmeras referências bibliográficas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luis de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

ANUNCIACÃO, Gleidison Oliveira da. *Do corpo negro no balé clássico ou das histórias que não se contam*. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

ASSUMPÇÃO, Andréa Cristhina Rufino. O balé clássico e a dança contemporânea na formação humana: caminhos para a emancipação. *Pensar A Prática*, Goiania, v. 6, n. 0, p. 1-20, 15 nov. 2006.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1977.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CEZARINO, Gabriela; PORTO, Eline. O CORPO NO BALLET CLÁSSICO: AS VOZES DOS BAILARINOS. *Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida - Cpaqv Journal*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 1-9, 2017.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 1-15, jan. 1995.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas; BAPTISTA, Rachel Fontes. Reflexões sobre o racismo em Campos dos Goytacazes: Um olhar existencialista sobre a descolonização. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 137-147, jun. 2019.

MAURO, Mariana. *Bailarinos negros dão piruetas em cima do racismo*. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bailarinos-negros-dao-piruetas-em-cima-do-racismo/>. Acesso em: 10 maio 2021.



MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Estudos Avançados*, [S. l.], n. 50, p. 51-56, 2004.

PAULA, Franciane Kanzelumuka Salgado de; PAULA, Murilo de (org.). *Mulheres negras na dança*. São Paulo: Império do Livro, 2015.

PIRES, Cássia. *As bailarinas negras e o ballet clássico*. 2015. Blog. Disponível em: <https://dospassosdabailarina.wordpress.com/2015/02/28/as-bailarinas-negras-e-o-ballet-classico/>. Acesso em: 10 maio 2021.

RIBEIRO, Rafaela Machado. *O negro e seu mundo: vida e trabalho no pós-abolição em campos dos goytacazes (1883-1893)*. 2012. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia Política, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2012.

SILVA, Ingrid. *A sapatilha que mudou meu mundo*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; MELGAÇO, Matheus. Palco (in)visível:: os corpos negros no teatro municipal. In: FIGUEIRA, Arlene da Fonseca *et al.* (org.). *Conexões Asas e Raízes: ancestralidade, representatividade e resistência*. Recife: Even3 Publicações, 2019. p. 1-250.

SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da. *Mercedes Baptista: a criação da identidade negra na dança*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

SILVÉRIO, Marcela Renata Costa. *O corpo negro e o estereótipo da bailarina*. 2020. 32 f. Monografia (Especialização) - Curso de Arte-Educação, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2020.

VIANNA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Summus Editorial, 2018.

VINUTO, Juliana. A AMOSTRAGEM EM BOLA DE NEVE NA PESQUISA QUALITATIVA: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, n. 44, p. 1-18, ago. 2014.

***Title***

The racial in the classical ballet of the city of campos dos Goytacazes/RJ.

***Abstract***

This article is an excerpt from a master's thesis inserted in the Graduate Program in Social Policies at Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). It is a study that deals with the presence of the black body in classical ballet. The same has the general objective of verifying the perception of black dancers who work in the field of classical ballet on the effects of structural racism in this art, with the city Campos dos Goytacazes/RJ as a highlight of analysis. The methodology used is descriptive and used a qualitative approach. The sampling technique used was the non-probabilistic one called Snowball (VINUTO, 2014). For data collection, semi-structured interviews were conducted with black dancers residing in the city. Data were analyzed using the Content Analysis research technique advocated by Bardin (1977). As main results, we noticed that most dancers believe in the existence of racism in the classical ballet of the city in question and see this phenomenon, mainly, through the low presence of black classical ballet students and teachers in the city. . As final considerations, we conclude that black dancers in the city see racism in the local classical ballet in different ways. In addition, the authors highlight the need to produce more research in this area, aiming to contribute more and more to the anti-racist struggle in classical ballet.

***Keywords***

Classic ballet; racism; Campos dos Goytacazes/RJ.

---

Recebido em: 02/06/2023

Aceito em: 16/08/2023